

CÍCERO SANDRONI

Entrevistadores: Carla Siqueira e Caio Barretto Briso

Data da entrevista: 21/07/2008

Qual o seu nome completo, data e local de nascimento?

Carteira de identidade: Cícero Augusto Ribeiro Sandroni. Nome de guerra: Cícero Sandroni. Nascido em São Paulo em 26 de fevereiro de 1935, neto de imigrantes italianos que vieram da Toscana. Meu pai era filho de um casal, que eu chamava Nonno e Nona, que vieram de uma cidade perto de Pisa, chamada Calci.

Qual eram os nomes e atividades de seus pais?

Meu pai se chamava Ranieri Sandroni e tinha feito um curso de contabilidade, depois se especializou, virou economiário, e, depois, ele se tornou um empresário.

E sua mãe?

Trabalhava em casa, cuidava dos filhos. Nós somos quatro filhos. Eu tenho três irmãos: dois irmãos e uma irmã, quatro filhos de quem ela cuidou muito bem.

Qual era o nome dela?

Alzira Ribeiro, de uma família brasileira, uma família mineira de Guaxupé, onde meu pai nasceu também, no sul de Minas, em Guaxupé. Mamãe é família Ribeiro Costa.

Havia algum envolvimento da sua família com jornalismo?

Não. Meu pai era um grande leitor de jornais, eu acho que era um hábito que ele herdou do pai dele, que vinha da Toscana. Você sabe que jornalismo, na Itália, numa época em que havia unificação italiana, mas havia ainda muita luta interna na Itália, os jornais tinham uma grande circulação, uma grande influência na Itália. O meu nonno, o meu avô, era um grande leitor dos jornais italianos. Quando chegou no Brasil, aprendeu português e passou a ler os jornais e deve ter transmitido esse hábito ao filho, porque meu pai, em São Paulo, quando nós estávamos lá, assinava

o *Estado de S. Paulo*, comprava *A Gazeta*, depois teve a *Gazeta Esportiva* e a *Folha da Tarde*, que ainda não era a *Folha de S. Paulo* de hoje, ainda era a *Folha da Tarde*. Então, eu recebia muito jornal em casa.

E, na verdade, eu aprendi a ler não na escola, mas lendo jornais, histórias em quadrinhos, os títulos... e sempre interessado em ver aquelas informações que os jornais davam sobre a guerra. Nós estávamos no período da guerra, então, era um assunto que me interessava muito. Os jornais estavam plenos. Aqueles bombardeios em Londres... Depois, até em 1945, a bomba atômica. Isso tudo interessava muito um menino de 10, 11 anos. Eu mergulhava nos jornais, gostava muito de ler jornal. Eu aprendi a ler através dos jornais e de Monteiro Lobato, é claro.

O rádio era importante?

O rádio era importantíssimo. Quando chegou um rádio na minha casa, nós não saíamos do rádio para ouvir não só as notícias como os programas de música, música popular e as novelas. Minha mãe adorava novelas. Eu também ficava lá muito ligado às novelas. A Rádio *Record* transmitia muita novela, a Rádio *Panamericana* também. A Rádio *Bandeirantes* nem tanto, mas a *Panamericana* tinha um elenco maravilhoso, entre os quais, um ator que tinha uma voz sensacional, que era o Mário Lago, que, muito mais tarde, eu vim a conhecer. Só que ele sempre fazia vilão. Eu antipatizava um pouco com Mário Lago, mas depois, quando vim a conhecer a figura maravilhosa do Mário Lago, essa impressão da infância se dissipou.

Qual foi o seu primeiro envolvimento com o jornalismo?

Com o jornalismo profissional foi mais tarde, mas, no ginásio, quem não fez o seu jornalzinho estudantil? A gente fazia jornalzinho, passava em mimeógrafo, com piadas sobre os professores, piadas fraquíssimas, mas para nós era muito interessante. Artiguinhos de fundo. O primeiro início naquele jornalismo, naquele universo infantil, de adolescentes também, depois, mais tarde, me indicou um caminho e, mais tarde, eu participei de um jornal intercolegial de orientação católica chamado *Roteiro da Juventude*, fundado pela Rose Marie Muraro, que mais tarde se tornou uma líder feminista. Hoje, ela tem mais de cem livros publicados, é uma grande mulher, uma grande pensadora. Mas, naquela época, ela estava terminando um curso de Física, imagine! Ela é formada em Física. E, com outros colegas, fizemos esse jornal, que era de orientação católica, mas que já antecipava as idéias do catolicismo de esquerda que depois desaguou na Ação Popular. Eu tenho a impressão de que essa orientação um pouco à esquerda da Igreja de então

fez com que o jornal acabasse. Ana Arruda Callado começou lá conosco, Carlos Leonam também escreveu artigos. Esse menino que é hoje compositor, João Roberto Kelly, escrevia para lá também. Muita gente escreveu no *Roteiro da Juventude*.

Já era um jornal da JEC (Juventude Estudantil Católica)?

Exatamente. Era um jornal da JEC, mas quando a Ação Católica começou a se mover em direção a uma posição mais independente da hierarquia, o jornal perdeu a razão de ser. Nós tínhamos um pequeno financiamento e aí não deu mais para fazer. Mas foi uma boa experiência. Uma boa experiência não só do ponto de vista do texto como, para mim também, do ponto de vista da diagramação porque eu sempre trabalhei muito com imagens também. Embora eu não seja fotógrafo (jamais fotografei), as imagens para mim, dentro da página, tinham um valor muito especial e era ainda naquele jornal feito em máquina plana, os clichês, a tipografia ainda da linotipia, mas a gente já desenhava as páginas. A primeira coisa que eu dizia era sangrar, sangrar as fotos, sair das margens, fazer uma coisa menos conservadora. Isso foi muito interessante também para mim, para dar uma visão quase gestaltiana. Uma coisa de Gestalt, de espaços, que depois veio quando Amílcar de Castro fez a paginação do *Jornal do Brasil*. A partir de então, o Reynaldo Jardim fez o Suplemento Dominical do *Jornal do Brasil* e, a partir daí, começou a valer tudo. Hoje, você não tem mais um cânone de diagramação. Quando você entra no cânone, você vê que o jornal ou a revista passa a ter uma certa rotina que desagrada aos leitores. Mesmo as revistas semanais, que seguem o exemplo da velha *Time*, sempre estão tentando fazer uma coisa diferente para sair daquela rotina gráfica que vem de muito tempo atrás, vem da imprensa do século XIX.

Você estudou jornalismo?

Estudei na PUC, mas não terminei o meu curso. Foi em 1954/55, quando o curso de jornalismo da PUC ainda era na rua São Clemente. Eles não tinham passado para a Gávea ainda. Era um curso noturno. Quando passaram para a Gávea e passaram o curso para a manhã, eu cheguei à conclusão de que o curso não me ensinava nada. E eu já tinha começado a fazer estágio, primeiro na *Tribuna de Imprensa* do Carlos Lacerda e, a seguir, no *Correio da Manhã*.

Mas como era esse curso, quem dava aula?

No meu tempo eram cursos muito fracos. Hoje não: são profissionais que trabalham lá. Mas era um curso com professores que vinham de um jornalismo muito antigo. O diretor era uma figura muito respeitável que eu até, mais tarde,

conheci, e que foi um inovador da imprensa. Era o conde Cândido Mendes de Almeida, pai do nosso Cândido Mendes, que acabou de fazer 80 anos. Então imagina, o conde hoje teria uns 120 anos, por aí. Ele era o diretor, mas ainda estava ligado a um jornalismo muito tradicional. Professores que liam as aulas. Quem estudou nessa época lá também foi a Nélida Piñon, mas a Nélida terminou o curso. Eu não terminei, primeiro porque precisava ganhar dinheiro, precisava de um emprego. Estudar de noite tudo bem, mas de manhã não podia. Então, fui procurar emprego em jornal.

Como foi seu início na *Tribuna da Imprensa*?

Na *Tribuna*, eu fiz um estágio pequeno, quando o Carlos Lacerda era o diretor, antes de agosto de 1954, fim de 1953, começo de 54, quando o Carlos era o chefe de redação, mas tinham figuras maravilhosas como Hermano Alves, Hilcar Leite, que é um jornalista pouco lembrado, mas era um grande jornalista, Depois, quando saiu da redação, passou para a circulação e inovou a circulação dos jornais trabalhando em *O Dia*. Hilcar Leite é um nome que não se pode esquecer. Nosso querido Hermano. Newton Carlos estava lá também. O Nilson Viana, que era de uma delicadeza absoluta, um excelente profissional. Éramos focas, o Luiz Garcia e eu. Nesse tempo, o estágio não era remunerado. Depois de três meses eu fui falar com Nilson Viana: "como é? tem que me dar dinheiro para condução". Mas não tinha, não tinha condições, então resolvi procurar outro jornal que me desse pelo menos o dinheiro da condução. E isso foi o *Correio da Manhã*.

Vamos falar um pouquinho mais da *Tribuna da Imprensa* nessa época. Como você descreveria Carlos Lacerda?

O Carlos era um homem de redação. Ele estava lá e o tempo todo, pensando no jornal dele, e escrevia um artigo enorme, que a *Tribuna* publicava na sua página principal, a sua página de opinião, e era aquela metralhadora na máquina de escrever e, ao mesmo tempo, era muito preocupado em como escrever para jornal. Essa época foi exatamente a época em que o Pompeu de Souza e outros jornalistas fizeram a revolução da maneira de escrever para jornal. O lide e o sublide, a economia das palavras, dos adjetivos. E o Carlos Lacerda absorveu isso tudo e trouxe para a redação da *Tribuna*, onde alguns também vieram da redação do *Diário Carioca*, mais tarde. Nós tínhamos um excelente crítico musical que era o Edino Krieger, o crítico de cinema era o Ely Azeredo, um dos maiores críticos de cinema da imprensa brasileira. O Carlos Lacerda punha um quadro-negro onde ele anotava todos os erros que saiam no jornal e dizia como não se escrevia e como se escrevia certo. Ele era uma pessoa muito voltada não só para a estética do jornal.

Ele fez uma experiência que não deu muito certo. O sujeito comprava o jornal vespertino - naquela época tinham os vespertinos e os matutinos - e os vespertinos, o sujeito comprava quando ia pegar o ônibus, lotação, bonde e levava para casa. Só que o vespertino termina de fazer meio-dia e a tinta do jornal, você pegava o jornal e a tinta pegava na mão, encostava na roupa, ficava na roupa. Então, ele fez a seguinte experiência: o último quarto do jornal, da última página, vinha em branco. Você dobrava uma vez, dobrava a segunda vez, você conseguia levar o jornal, porque naquela parte em branco não manchava nada. Essa experiência durou algum tempo. Depois descobriram que precisava daquele espaço - era a página de esportes - e acabaram com isso.

O Carlos sempre inovando a maneira de escrever. O bilhete ao leitor, que nenhum jornal teve mais na imprensa brasileira, aquele bilhete em que ele dizia: "leitor, você vai encontrar tal e tal assunto hoje, no jornal; presta atenção nisso, presta atenção naquilo". Era uma espécie de escola de leitura do jornal que o Carlos fazia. Foi muito interessante. Havia um grupo de jovens jornalistas que estavam em torno dele, pessoas que acreditavam muito no Carlos Lacerda, não só como líder político, mas também como jornalista. É claro que havia um outro grupo, o grupo da *Última Hora*, que detestava o Carlos Lacerda. Depois veio a famosa briga - não era uma polêmica, mas quase briga de rua - entre a *Tribuna* e a *Última Hora* e, como sempre acontece nesse tipo de briga, os dois saem perdendo e os outros jornais é que saem ganhando.

Nesse quadro, essa briga da *Tribuna* e da *Última Hora* era principalmente política ou também era uma briga jornalística?

O que acontecia era o seguinte: o Samuel Wainer fez a *Última Hora*, que era um jornal muito inovador, especialmente na parte gráfica. Ele importou os diagramadores da Argentina, acho que era o Guevara, se não me engano. O jornal dava todo dia um suplemento especial em tablóide com artigos, matérias com os melhores redatores, os mais antigos - Max Rebelo, Joel Silveira, Antônio Maria, gente da melhor qualidade. Fizeram o que na época chamava um *dumping* da imprensa, porque o jornal custava barato. Tinha financiamento do Banco do Brasil, é claro, mas quem não tinha? Se você fizer a revisão da história, todos os jornais tinham, até a *Tribuna* recebia lá um financiamento para comprar papel, para comprar máquina. Bom, talvez a *Última Hora* seja o maior. Havia uma briga pessoal entre o Carlos Lacerda e o Samuel, que se detestavam do ponto vista até profissional. Samuel tinha feito grandes reportagens. E o Carlos Lacerda, a grande reportagem que ele fez - além de outras, mas aquela foi fundamental - foi a entrevista com José Américo [de Almeida], que foi publicada no *Correio da Manhã*

depois que os outros jornais se recusaram a publicar. Essa entrevista contribuiu para derrubar o Estado Novo. Isso foi publicado no *Correio da Manhã*, onde o Carlos tinha uma coluna chamada Tribuna da Imprensa. Quando ele resolveu fazer seu próprio jornal, o Paulo Bittencourt ofereceu a ele o título *Tribuna da Imprensa* e assim foi feito. Samuel tinha feito a cobertura do julgamento dos nazistas na Alemanha e tinha feito a grande cobertura da campanha do Getúlio [Vargas]. Quando ele foi mandado ao Rio Grande do Sul pelo Assis Chateaubriand para fazer uma reportagem sobre plantação de trigo ou arroz, acabou não encontrando nem arroz nem trigo, e alguém disse: "o senhor não quer conversar com o Dr. Getúlio?". E aí ele descobriu que o Getúlio estava lá. Fez uma entrevista com declarações que, eu acho, foram inteiramente, depois, fantasiadas por ele. É só ver a entrevista que você vê. O Getúlio não diria aquilo (mas isso aí já é história), e, naquela entrevista, ele disse que voltaria, seria candidato. Foi aí que o Samuel ganhou uma proeminência dentro do jornalismo e da política. Quando o Getúlio se elegeu, perguntou o que ele queria e ele queria um jornal. Para fazer um jornal não é fácil, e ele fez. Havia uma disputa de dois egos, de dois jornais, sendo que a *Tribuna* fraquinha e a *Última Hora* muito forte. Havia também uma questão política subjacente, o Carlos Lacerda (UDN), Getúlio (PTB), e, por trás de tudo, o interesse dos outros jornais de que a *Última Hora* acabasse. Carlos Lacerda serviu como o homem que vinha na frente para destruir aquele jornal que era um jornal muito bem feito, que ia para classes populares, mas defendia um governo que os jornais conservadores detestavam, que era o governo do Getúlio, um mandato constitucional do Getúlio. Teve um mandato constitucional em 1934, mas ele foi eleito pela Câmara, por uma Câmara organizada para eleger o Getúlio. Mas o mandato constitucional foi realmente o que ele obteve em 1950 e terminou em 1954. Isso a UDN não tolerava.

O engajamento político é a grande marca do jornalismo dos anos 1950?

Sem dúvida. Os jornais que tinham maior penetração entre os leitores populares ou leitores mais conservadores, classes chamadas produtoras, eram os jornais políticos. O *Correio da Manhã* que era o grande jornal de posições firmes, embora pudesse mudar de posições, era um jornal político. A gente lia o *Correio da Manhã* para ver posições políticas ali. O *Globo* nem tanto. O *Globo* começou a crescer muito com um jornalismo mais de informação, mas a *Última Hora* era evidentemente política, a *Tribuna da Imprensa* era, e os jornais "associados" O *Jornal* e o *Diário da Noite* ficavam aqui e ali, mas também muito políticos. Alguns se empenhavam em campanhas políticas. Hoje é diferente, você não pode dizer que um jornal, embora os políticos reclamem, sejam emprenhados em tal e qual

candidatura. Eles orientam o leitor num sentido, mas não é um sentido polêmico. Hoje você pode fazer uma leitura crítica não só de jornais e revistas, você vê ali dentro, subjacente, a orientação política do jornal, mas não há uma tentativa de convencer o leitor com argumentos que não sejam aqueles, muito ali, na entrelinha no intertexto. Não é o jornal polêmico, por exemplo, do Primeiro Império, do Segundo Império, da Primeira República, e nem o jornal que veio da constituição de 1946 em diante. Você tinha os jornais de panfleto como *O Mundo*, do Geraldo Rocha, que o pessoal chamava "O Imundo". Você tinha a *Luta Democrática*, do Tenório Cavalcanti, lá em Duque de Caxias, que era um jornal de sangue, mas tinha muita política para defender o Tenório. O *Diário de Notícias*, jornal nacionalista... o Dr. Orlando Dantas, que fundou o *Diário de Notícias*, fez um jornal muito informativo muito voltado para o noticiário das classes armadas, do Exército, da Marinha e da Aeronáutica, e com uma orientação bem nacionalista, não da xenofobia, mas do nacionalismo, por exemplo, de não aceitar anúncio da Standard Oil. É um mundo! Para estudar o jornalismo dessa época vamos levar duas horas aqui, mas eu estou falando apenas como leitor, porque na verdade eu era um foca na época.

Quando e como você entrou no *Correio da Manhã*?

Eu entrei para o *Correio da Manhã* em 1956, na época em que as tropas soviéticas entravam em Budapeste para voltar a colocar a Hungria de novo na linha dura do Stalinismo. Já não era mais Stálin, mas era a linha do comunismo. 1956. Entrei pela primeira vez numa manifestação estudantil, ainda eco da nossa posição católica da época, quando fizemos uma passeata pelo Rio de Janeiro para protestar contra os tanques soviéticos em Budapeste. E foi mais ou menos a mesma época em que ingleses e franceses queriam tomar o Canal de Suez do Egito. Hoje, historicamente, está provado que os soviéticos aproveitaram o momento em que o [Gamal Abdel] Nasser, enfraquecido, queria fechar o canal, e as tropas inglesas e francesas foram lá abrir o canal, queriam abrir o canal e aí teria um motivo, mas fariam de qualquer maneira. O nosso grupo era um pouco aceso, então, nós também protestávamos contra isso, contra as tropas inglesas e francesas no Egito. O grupo reacionário dos católicos dizia que era só Budapeste e nós dizíamos que não, que era o Egito também, o Suez também. A manifestação se dividiu e o nosso grupo se dirigiu para alguns jornais, inclusive o *Correio da Manhã*. Quando eu entrei no *Correio da Manhã*, ali na rua Gomes Freire, naquele prédio que existe ainda hoje (a gente passa por lá e dá uma saudade do tempo do *Correio da Manhã*), eu comecei a encontrar pessoas conhecidas na redação. Um deles era o Jorge Leão Teixeira, que fazia uma sessão chamada Flagrantes. Foi a primeira

abertura do *Correio da Manhã* para um jornalismo mais moderno. E o Guima, o José Guimarães, que é uma figura maravilhosa também, e o Franklin de Oliveira, que eu já conhecia, o José Condé. Eu achei que ali era uma maravilha e quis trabalhar ali. Falei lá com o Guima e ele me mandou voltar no dia seguinte para conversar. Eu, no dia seguinte fui, lampeiro, pensei: ótimo, vou arranjar emprego no *Correio da Manhã*. Entrei na redação e cadê o Guima? O Guima não estava, meu primeiro desaponto. Cadê o Jorge Leão Teixeira? Não estava. E o José Condé? Também não estava. Eu digo: como esse jornal sai no dia seguinte? Estavam todos no bar do Marialva, que fica ao lado, ali na rua Gomes Freire. É que o pessoal tirava um momento lá das 3 horas para tomar uma cachacinha lá no Marialva. O Guima chegou quando eu cheguei lá e eu disse: "vim aqui, porque o senhor pediu para eu vir aqui trabalhar no *Correio da Manhã*". O Guima olhou para mim e disse: "mas quem é você? eu não me lembro de nada". Aí o Jorge Leão Teixeira disse: "Não, ele esteve aqui ontem com você, é meu amigo." "É? Você quer ser jornalista mesmo?" "Claro, quero". "Então, senta aí na mesa e vamos beber". Eu sentei, mas não bebi nada, porque eu queria era trabalhar. E aí, no dia seguinte, já estava lá e já tinha um repórter famoso jovem, da minha idade, que era o Márcio Moreira Alves. Era uma das estrelas ascendentes. Eu, como foca, fui lá trabalhar com o Maurício Caminha de Lacerda, que era o chefe da reportagem. E fazia trabalhos para o Guima, que tinha um dos primeiros segundos cadernos da imprensa brasileira. Chamava Segundo Caderno, depois *O Globo* botou, também, Segundo Caderno, mas o *Correio da Manhã* botou primeiro. E assim foi. Comecei a trabalhar na reportagem em geral, às vezes, dava umas dicas para sessão *Flagrantes*. Fazia entrevistas com artistas, com Millôr Fernandes, com um ator falecido há algum tempo, mas foi muito importante no *Tablado*, Napoleão Muniz Freire. Era muito bom, eu adorava trabalhar no *Correio da Manhã* e tinha, no fim do mês, uma pequena remuneração que na *Tribuna* não tinha.

Bom, aí o Marcito foi para Alagoas fazer a cobertura do tiroteio que teve na Assembléia, levou um tiro no pé, voltou e ficou fora do trabalho para se recuperar. Ganhou o Prêmio Esso com a reportagem. Foi o segundo ou o terceiro Prêmio Esso. Marcito, um grande repórter, um sujeito formidável, colega, companheiro. Em seguida, o Maurício Caminha de Lacerda estava querendo fazer uns estudos sobre átomos, energia nuclear e o Luiz Alberto Bahia, chefe da redação, pediu para que eu ficasse na chefia da reportagem. Eu era praticamente um foca e estava lá na chefia de reportagem e tinha uns dois repórteres. A redação do *Correio da Manhã* era a Política, que era dirigida diretamente pelo Bahia e pelo Callado, que era o chefe da redação. Tinha o setor de Polícia, que também era muito bom, muitos repórteres, que era, na verdade, o chamado *citydesk*, a Cidade; e tinha o Esporte,

que era dirigido pelo Walter Mesquita, que era muito bom também e tinha o Segundo Caderno. A reportagem geral não era um trabalho muito importante, eu só vim entender o que era reportagem geral quando trabalhei n'O *Globo* com Alves Pinheiro. Às vezes a gente fazia tópicos. Eles tinham pessoas lá como Otto Maria Carpeaux, Franklin de Oliveira, Callado, José Condé, meu amigo até, morreu. Tinha o suplemento literário do José Condé, que, às vezes, eu escrevia lá também. Foi um momento muito interessante e muito importante.

Mas eu ia casar e estava precisando trabalhar um pouco mais, e consegui um emprego no *Jornal do Brasil* também, quando começaram a reforma no *Jornal do Brasil* com Odylo Costa, filho. A reforma mesmo começa com Odylo, depois foi continuada pelo Jânio de Freitas, pelo nosso querido [Alberto] Dines, mas a primeira movimentação ali dentro, no jornal, foi Odylo Costa, filho e Wilson Figueiredo, que trabalharam, trazendo o pessoal do copidesque do *Diário Carioca*. Carlos Lemos, Ferreira Gullar, gente da melhor qualidade e eu entrei como repórter. Fazia reportagens de manhã para o *Jornal do Brasil* e de tarde ia chefiar a reportagem do *Correio da Manhã* e assim fazia um salário compatível com o meu desejo de me casar. Mas depois não deu para fazer as duas coisas. Eu me casei, e quando voltei, tinha que pensar num outro e aí recebi um convite para ir para *O Globo*, um convite do Mauro Salles. *O Globo* me pagaria o que me pagava o *Jornal do Brasil* e o *Correio da Manhã*. Fui como se começasse de novo a minha carreira como repórter, sob a batuta do Alves Pinheiro, e foi um experiência muito interessante, porque eu trazia um pouco do espírito, digamos assim, boêmio do *Correio da Manhã*. Não era o boêmio no sentido de farra, mas no sentido quase que de uma redação alegre. E a redação do *Jornal do Brasil*, que se modernizava do ponto vista do léxico, mas as máquinas de escrever e as laudas de papel eram as mesmas, e eu entrava num jornal que era o contrário disso tudo. *O Globo* ainda era um jornal muito antigo e ao mesmo tempo muito sério, em que as pessoas tinham que trabalhar mesmo de 6 da manhã até 8 da noite. Não era brincadeira. Sob a batuta do Alves Pinheiro. O Mauro Salles era um grande repórter e depois passou a sub-chefe de reportagem. Foi lá que eu aprendi o caminho do jornalismo porque eu tendia mais para o suplemento literário, trabalhar na literatura, tinha feito matérias para o *Jornal de Letras*, naquela época em que o *Jornal de Letras* era *O Jornal de Letras*, nenhuma queixa ao jornal de hoje mas, naquela época, era o Otto Lara Resende, Fernando Sabino, Paulo Mendes Campos, os irmãos Condé, Franklin de Oliveira. Em *O Globo* eu ia começar como repórter de Polícia, como repórter de rua, fazer entrevistas com estadistas. Nessa época, as entrevistas eram na ABI, o Herbert Moses era o presidente e presidia as entrevistas, ele era poliglota e fazia a tradução. Mas, para mim, que sabia um pouco de inglês, dava para fazer as minhas

entrevistas com pessoas que não iam para a ABI. Na ABI passaram grandes figuras como Aldous Huxley, aquele secretário geral da ONU Dag Hammarskjöld, Sukarno. Fidel Castro esteve aqui em 59, fez entrevista na ABI.

Eu chegava em *O Globo* às 6 da manhã e já tinha uma pauta preparada pelo chefe de reportagem, não tinha pauteiro não, era o próprio Pinheiro que fazia, dava os telefones, fazia as perguntas, cinco, seis matérias. Naquela época não podia botar a marca *O Globo* no carro, porque em 1954 tinham queimado dois carros de *O Globo*. Era em um camburão sem nenhuma identificação que eu ia para a rua fazer as matérias. De tarde eu voltava e escrevia as matérias para o dia seguinte e, no dia seguinte, às 6 da manhã estava lá. Foi muito duro, e não tinha sábado e domingo não, era todo dia. Hoje também não tem, mas há revezamento.

(Essa entrevista que a gente fazia no Globo, na ABI, eram entrevistas coletivas. Hoje chama conferência de imprensa, eu acho que isso é um galicismo, anglicismo. É entrevista coletiva). Bom, Fidel Castro foi dar sua entrevista e, é claro, Fidel Castro ainda não tinha se declarado comunista, mas já tinha muitos adeptos, e, entre eles, eu, pessoas de esquerda. Mas eu me reservava o papel de jornalista, eu queria fazer perguntas. Fidel foi lá. Foi uma festa naquela sala Heitor Beltrão, cheia de gente, jornalistas e não jornalistas, e aí começaram as perguntas. Quando coube a mim fazer uma pergunta, eu perguntei aquela pergunta infeliz do ponto de vista do Fidel Castro: "Quando vamos ter eleições em Cuba?" E o Fidel ficou louco da vida, ele disse assim: "Você é um agente provocador". O Herbert Moses disse: "Não. Ele é repórter de *O Globo*". Ficou danado da vida, fez um discurso dizendo que iam ter eleições sim, mas não essas eleições burguesas das democracias ocidentais, onde o voto é comprado, ia ter eleições populares. E ele me olhava assim sempre zangado. Cheguei na redação, fiz meu texto e entreguei ao Pinheiro. Naquela época, era cobertura homem a homem, você pegava um assunto, tinha que segui-lo para onde ele fosse. E o Pinheiro disse: "Bom, vamos continuar". Eu disse: "É melhor mandar outro, porque ele já me marcou". Pinheiro disse: "Não, continua, continua". E eu, então, fui lá, atrás. Onde o Fidel Castro ia, eu ia. Fez um comício no Castelo, ali onde hoje construíram o Fórum da Justiça. A família do José Nabuco resolveu adotar o Fidel Castro, porque o Vasco Leitão da Cunha tinha sido embaixador em Cuba, era embaixador em Havana e a família muito ligada. Enfim, toda a burguesia do Rio de Janeiro estava encantada com Fidel Castro e ele teve uma reunião no Hotel Excelsior, em Copacabana, com os deputados da Frente Parlamentar Nacionalista. E eu fui lá cobrir. Era de noite, mas fui lá fazer a cobertura. Ai disseram: "Não, você não é deputado e não pode entrar". Eu era o único jornalista presente, aí um amigo meu, Paulo de Tarso Santos, que era deputado, disse: "Não, não, ele é nosso amigo". Então está bom, então eu entro,

mas sempre olhando assim meio de esquelha. E assim foi até o fim da viagem. O José Nabuco e Dona Maria do Carmo Nabuco ofereceram uma grande recepção para o Fidel Castro e estavam presentes Carlos Lacerda, Ademar de Barros, San Tiago Dantas, os políticos todos. Eu até fiz uma pergunta a ele, isso está em *O Globo* e eu até vou publicar um livro. Estava o Ademar, o San Tiago Dantas, o Dr. Afonso Arinos e ele conversando, e eu entrei na conversa e perguntei: "Comandante, como é que tratam os ladrões do dinheiro público em Cuba?" Ele disse: "Com paredão". E o Ademar, no dia seguinte, disse que isso não aconteceu. A verdade é que foi uma pergunta direta contra o Ademar de Barros, que estava do meu lado.

Na partida do Fidel Castro, ele foi de manhã pegar um avião para Buenos Aires ali no Galeão - ainda não era o atual aeroporto - era um avião Britânia que ele usava, e eu fui fazer a última entrevista com ele. Ai já éramos amigos, praticamente. Eu também era o único jornalista presente. Tem um outro jornalista, nosso conhecido, o Carlos Rangel, que fazia para o *Diário da Noite*, mas que não foi. Eu peguei a entrevista, ele começou a falar e, de repente, sabe o que ele fez? Me passou o braço assim pelo meu ombro e o fotógrafo de *O Globo* fotografou. No dia seguinte, *O Globo* estampou: "Repórter de *O Globo* abraçado com Fidel Castro na entrevista..." Bom, eu fiquei muito entusiasmado com aquilo, primeira capa de *O Globo*, repórter d'*O Globo*, isso não acontecia. Está lá, numa edição de outubro de 1959. No ano que vem vai fazer dez anos. Vamos ver se eles vão botar a primeira página naquela sessão de primeira página, se eles vão botar essa primeira página. Aí eu fiquei com fama de fidelista.

Eu estava passando para a reportagem de política, quando o Jânio, que era candidato, resolveu ir a Cuba. Vocês não se lembram disso, mas ele, como candidato, resolveu dar uma de política externa independente e foi a Cuba. Ele não era presidente, era candidato. Um grupo de jornalistas foi e eu, até o último momento, ia pelo *O Globo*, até que um dia, um pouco antes da viagem, esse meu amigo deputado, o Paulo de Tarso (depois foi prefeito de Brasília) perguntou ao Dr. Roberto, num jantar em que estavam juntos: "Estamos indo, Dr. Roberto, o Cícero vai, não é? Ele disse assim: "Não, ele não, ele é fidelista, tem que ser um repórter menos partidário". E eu não fui e foi uma viagem maravilhosa. A recordação dessa viagem tem histórias incríveis, inclusive foi nessa viagem que roubaram a pistola de Fidel Castro, mas isso é uma outra história. Um jornalista brasileiro roubou a pistola de Fidel Castro. É uma história que eu nem sei detalhes e nem vou contar. Bom, aí eu passei a fazer reportagem política e, depois, quando a capital mudou para Brasília, eu passei para o *Diário de Notícias*.

Cícero, antes de passar ao Diário de Notícias, como era a redação de O Globo nessa época? Quem estava na redação, como era a hierarquia?

Era inteiramente diferente da redação de hoje. Quando vou lá, fico lembrando de como era 50 anos atrás. Era um grande salão e no final tinha o gabinete do Dr. Roberto [Marinho]. Nesse grande salão, ficavam, na lateral, os secretários, que eram: primeiro, o Ricardo Marinho, depois tinha o Lucílio Albuquerque, depois o Rogério Marinho, depois o Alves Pinheiro, depois o Ricardo Serran (que era o Esporte). Em colunas de dois, vinham as mesas, aquelas mesas bem moderninhas, que você fechava e abria com a máquina de escrever - até o final do salão, onde ficava um mesa com as coleções dos jornais, as quais não se podia nem arrancar folha como se fazia em qualquer outra redação daquela época. Em *O Globo* não podia, era crime de lesa-majestade. Na frente, ficava um embrião de copidesque, na verdade não era um copy, mas era como se fosse. Quatro ou cinco secretários corrigiam os textos dos repórteres, que éramos nós que ficávamos nas mesas atrás. Havia o Antônio [Muniz] Vianna, que era o repórter político, o Ivan Alves, que era uma espécie de *sub* da política, um rapaz chamado Jorge Ribeiro, que fazia a parte econômica. Era um sujeito só que fazia. Hoje tem editoria de Economia. Era assim, todo mundo trabalhando ali direitinho.

Dr. Roberto chegava às 8 horas da manhã, entrava e ia direto para a mesa do Alves Pinheiro com aquele toc-toc-toc, com um sapato que fazia muito barulho, conversava com Alves Pinheiro alguma coisa, saía e ia para o seu gabinete e lá ficava com a secretária dele, uma mulher simpatíssima, agora não me lembro o nome, mas está viva até hoje. Uma mulher maravilhosa que era a secretária do Dr. Roberto. Tinha o Walter Poyares com a parte de relações públicas, e tinha a fotografia. E numa outra sala tinha a editoria Internacional. Era um jornal onde ninguém levantava para contar uma piada, pelo menos naquele tempo, não sei se hoje acontece isso. Hoje acontece menos, porque o jornalismo exige tanto. No *Correio da Manhã* não. O sujeito ia de uma mesa para outra. No *Jornal do Brasil*, um pouco menos, mas era um jornal mais técnico. Já *O Globo* era o jornal da informação. O Alves Pinheiro ficava danado no final do dia, quando o jornal era impresso às 10 da manhã. Então subia o que a gente chamava de ficada: todas aquelas matérias que não foram aproveitadas. Ele ficava danado: "O repórter apurou, está aqui, por que não saiu?" Era o secretário, que era ou o Rogério Marinho ou o Lucílio, que tinham achado que não cabia na página. Na reportagem de política eu tinha que chegar mais cedo ainda e acordar os políticos. O Alves Pinheiro chegava à meia-noite no jornal. Ele lia, todos os dias, todos os matutinos que já estavam começando a sair e via toda a parte política e me passava uma lauda e mandava telefonar para o San Tiago Dantas, para o Negrão de Lima. Eu

ligava para o Dr. San Tiago Dantas às 6h30 da manhã e ele me pedia pelo amor de Deus para não telefonar cedo. Ou então ligava para o Magalhães Pinto também. Você sabe como é político, naquela época não tinha grampo, tocou o telefone, político atendia.

Uma vez, o Jânio já estava em campanha e o vice-presidente era o Leandro Maciel, um senador por Sergipe que era uma "mala". O Jânio queria se livrar dele e a UDN insistia que tinha que ser o Leandro Maciel, até que eu soube que tinha havido uma reunião de madrugada, onde o Leandro Maciel, assediado pelos seus pares, em um momento de rompante, tinha dito: "então eu renuncio à vice-presidência". Eu liguei para o Dr. Magalhães [Pinto] e perguntei: "Dr. Magalhães renunciou ou não renunciou?" Ele só disse: "renunciou." Aliás, primeiro falei com José Aparecido que, dormindo ainda, disse que renunciou. Então falei para o Dr. Rogério que o Leandro renunciou, e a manchete d'*O Globo* foi essa: "Líder da UDN Leandro Maciel renuncia à vice-presidência". De tarde, quando *O Globo* saiu, o Leandro reuniu os jornalistas para dizer que não, que aquilo era uma mentira, que não tinha renunciado coisa nenhuma, que iria ficar. Ai Dr. Roberto ligou para o Magalhães Pinto, que contou que ele renunciou e não tinha mais volta. No dia seguinte, o Dr. Roberto publicou uma nota dizendo que a nossa reportagem tinha razão. Ele renunciou mesmo e puseram o Milton Campos como candidato. Isso é história do passado, vocês não sabem de nada disso.

Como era a atuação do Roberto Marinho diariamente?

Dr. Roberto lia o jornal, lia todos os jornais, ele estava atentíssimo a tudo e a todos os detalhes. Não só da redação como também da publicidade. Ele era um homem voltado para o jornal. Ele ia diariamente ao jornal, e, aos sábados e domingos, telefonava. Tem até aquela anedota, que eu não conheço bem, não sei se é anedota ou história. Uma vez, estava de plantão em um domingo de manhã - o jornal não saía de manhã - o pessoal chegava de tarde. Ele ligou e caiu direto no plantão. O plantonista respondeu de uma forma muito mal-humorada, talvez até mal-educada, e o Dr. Roberto disse: "o que é isso meu filho, isso não é maneira de responder, você sabe quem está falando aqui? É o Dr. Roberto Marinho." O sujeito respondeu: "e o senhor sabe quem está falando aqui?" "Não" - respondeu Dr. Roberto. O sujeito falou: "ótimo". E desligou.

Faz parte do anedotário,mas dá a idéia de como o Dr. Roberto era atentíssimo a tudo. Eu me lembro de uma pessoa das minhas relações me contar que estava em um jantar com ele quando saiu uma discussão sobre um assunto político qualquer e ele se inteirou de algumas informações que ele não sabia e pediu para ir ao telefone e mudar o editorial do jornal. O Dr. Roberto estava ligadíssimo. Aliás,

como tudo que ele sempre fez. Ele era um homem que dirigiu o jornal ainda com 20 anos. Quando o pai morreu, ele tinha 15 ou 16 anos, e ele aprendeu com os mais velhos, não quis assumir a direção do jornal. Era dessa velha escola da qual fazia parte o Alves Pinheiro, de que a notícia tem que ser apurada até o fim. Você não pode vir com uma informação aleatória. Intuitivamente, embora sem atender aquelas regra do lide e sublide, traziam todas as informações possíveis de apurar, e isso ia para o papel. E quando não saía no jornal, o Alves Pinheiro ficava danado.

Estamos falando já do final da década de 1950. Como era o mercado de jornais nessa época? As diferenças entre os jornais. Talvez *O Globo* fosse mais informativo que os demais. Como era?

O Globo ganhou muito leitor, especialmente como vespertino, pelo fato de ser muito informativo e ter aquela seção de entrevistas. Quando tinha um assunto, pegava dez pessoas para serem entrevistadas. Essas dez pessoas passavam a ser leitoras de *O Globo*. Se você pegar a coleção de *O Globo* dessa época... Um exemplo aleatório: "chegou Bigitte Bardot...Paulo Autran, o que achou disso?" Tinha dez figuras falando disso, e isso cativou um leitorado para *O Globo*. E também quando eles começaram a sentir que não era mais possível fazer um jornal vespertino em função do problema da distribuição, que os matutinos tinham uma grande vantagem sobre os vespertinos, porque o matutino era distribuído na madrugada, quando não havia tráfego na cidade, então as capatazias recebiam de uma forma muito rápida o jornal. O jornal ficava pronto, embrulhavam cem, duzentos, trezentos exemplares. (Sabe o que é capatazia não é? Aquela banca mestra que distribui o jornal). Às 10 horas da manhã já não dava mais para você distribuir o jornal com o tráfego desse horário. Aquela famosa figura do jornaleiro, que vinha vender o jornal - tinha até a Casa do Pequeno Jornaleiro, da Dona Darcy Vargas - já não dava conta disso. *O Globo* teve a inteligência de ir atrasando o seu fechamento até se transformar num matutino. Hoje, com uma visão muito empresarial, em que a primeira edição vai para o interior, para o Estado do Rio, para o sul de Minas, para São Paulo, e a última edição que vai para os assinantes do Rio de Janeiro. Essa visão empresarial que *O Globo* sempre teve é que eu acho que faltou aos outros jornais. Acabaram os vespertinos, há uns 30 anos não existem mais. Antigamente, na época da guerra, por exemplo, os vespertinos tinham dez edições, cada batalha que acontecia era uma edição. Hoje, do ponto de vista da empresa jornalística, o matutino é aquele que tem uma forma de distribuição mais fácil e acabou o vespertino. Isso foi uma inteligência. E depois, a

grande virada de *O Globo* foi, em vez de não circular, passou a circular aos domingos e fazer o seu grande caderno de classificados e ficou dono do mercado.

Nessa época, como os jornais reagem à mudança da capital para Brasília?

A mudança foi em 1960, em 1961 foi a primeira posse. Os jornais não acreditavam, primeiro. O único jornal que acreditava era o *Correio da Manhã* em um suplemento chamado *Singra*, que era do Cândido Mendes de Almeida, do velho conde, e que tinha uma sessão sobre a nova capital. Ninguém acreditava. Foi um processo lento. Eu fiz parte da equipe de *O Globo* que foi fazer a cobertura da inauguração de Brasília. Naquela época, Brasília não tinha a menor condição de sediar o governo do país. O Congresso estava mudando. O primeiro presidente a morar efetivamente em Brasília foi o Jânio, que detestava o Rio de Janeiro, então foi para lá. No momento em que a capital foi inaugurada, a imprensa aceitou como inevitável a ida para lá. Tiveram que montar as suas redações. E, nesse momento, começou a preponderância de jornais paulistas, que estavam mais preparados para se instalar em Brasília. O Rio levou algum tempo, embora houvesse lá uma área para a imprensa.

A imprensa reagiu bem, não houve nenhum descontentamento. O Ibrahim Sued fazia aquela campanha Belacap. O *Jornal do Commercio*, por exemplo, que era dirigido pelo San Tiago Dantas, fez editoriais magníficos elogiando a decisão, que era uma decisão que vinha ainda do Brasil colônia. A mudança foi, primeiro, imaginada pelo José Bonifácio e realizada pelo Juscelino [Kubitschek]. O que a imprensa contra o Juscelino fazia muito era denúncia de corrupção, de malversação de dinheiro, de mandar tijolo e cimento por avião. Os institutos de pensão e aposentadoria da época, que eram mais ou menos controlados pelo PTB, começaram a construir muitas casas, edifícios, foram muito criticados também. A mudança em si não, mas o processo da mudança sim. Quem liderava isso tudo era o Israel Pinheiro, que morreu pobre. Juscelino também morreu pobre, não deixou nada, não deixou fortuna. Eu acho que havia muita oposição sem muito... O Gustavo Corção, por exemplo, não acreditava que iria haver ligação entre Rio e Brasília. Ligavam para a casa dele e ele dizia que era mentira.

Antes de Brasília você passou pelo *Diário de Notícias*, que é um jornal que não existe mais. O que você pode nos dizer sobre o jornal?

Foi uma passagem muito rápida, quando o Dr. João Dantas era o diretor do jornal, que estava empenhado na campanha do Jânio [Quadros]. Eu substituí na reportagem de política um grande repórter político, que foi Heráclito Salles. O redator chefe era o Dr. Prudente de Moraes Neto, uma figura realmente

inesquecível da imprensa brasileira. O jornal não tinha muitos recursos, eu fiquei pouco tempo lá, apenas uns seis meses, porque, depois, eu fui convidado para trabalhar com o Paulo de Tarso na prefeitura de Brasília, no governo do Jânio; na Fundação Cultural de Brasília, com Ferreira Gullar, e quando acabou o governo, quando o Jânio renunciou, eu voltei para o Rio. Não quis ficar em Brasília, tinha convite para trabalhar n' *O Estado de S. Paulo*, mas queria trabalhar aqui no Rio. E aí fiquei algum tempo trabalhando numa editora e numa gráfica que eu comecei a fazer, mas depois fui para o *Correio da Manhã*, em 1965, depois do golpe.

Qual a sua visão de como a imprensa se comportou nas crises dos governos Jânio e Jango, até chegar no golpe de 1964? Como foi a atuação da imprensa nessa época?

A imprensa em geral, especialmente, a imprensa conservadora de *O Globo*, *Diário de Notícias*, *Correio da Manhã* - estamos falando do Rio de Janeiro, mas em São Paulo era mais ou menos a mesma coisa. Num primeiro momento do parlamentarismo, quando Jânio renunciou, houve uma comoção aqui e houve um momento em que Carlos Lacerda, governador do Estado da Guanabara, impôs um regime de censura aos jornais. Isso foi uma reação muito forte a esse tipo de censura de um governo estadual. Depois o noticiário se encaminhou para aquela forma do governo parlamentarista que foi aceita por todos, menos pelo Dr. Raul Pilla, que era o presidente do Partido Libertador, e que dizia: "eu sou parlamentarista, mas não desse parlamentarismo que está aí". Eu acho que a imprensa em geral - a *Última Hora*, especialmente - não digo que apoiaram o governo Jango, mas o trataram sem uma oposição muito forte. O [Assis] Chateaubriand dizia o seguinte: "se as classes conservadoras do Brasil fossem inteligentes, fariam uma estátua para o João Goulart, que foi quem conseguiu impedir que o comunismo tomasse conta aqui do Brasil." João Goulart, para o Chateaubriand, era um estancieiro que não tinha a menor vocação para entregar o Brasil aos comunistas, como depois, mais tarde, disseram. No momento em que houve o plebiscito sobre a volta do parlamentarismo começaram as primeiras reações e, não só da imprensa, como de organismos como IBAD (Instituto Brasileiro de Ação Democrática), aqueles organismos em que a direita começou a se organizar. E, com o agravamento da situação, a imprensa, nos últimos meses, passou a apoiar o golpe, a partir do comício da Central [do Brasil]. E apoiar ostensivamente. Tanto que o *Correio da Manhã*, que era um jornal liberal, teve aquele célebre: "Chega, Basta e Fora". Esse episódio dá uma idéia de como a imprensa reagiu ao que eles chamavam de comunização, contra os comunistas e corruptos. Depois a gente viu que os IPMs (Inquéritos Policiais Militares) não

pegaram nenhum e os comunistas que havia era o esquema do General Assis Brasil, que não era nada. Depois do golpe, a imprensa liberal e a imprensa conservadora se manifestou contra, pediu volta ao estado de direito, mas aí o caldo estava derramado, não tinha mais jeito.

Você voltou ao *Correio da Manhã* em 1965. Como era a situação do jornal?

Em 1965, o jornal já estava na oposição. Quando eu entrei, o Carlos Heitor Cony tinha saído uns três meses antes. O Cony é importante, ele pode dar detalhes fundamentais sobre esse momento. O jornal já estava na oposição. Uma oposição em que o diretor era o Osvaldo Peralva, o chefe de redação Newton Rodrigues, Dona Niomar estava presente, orientado o jornal no sentido de se opor ao regime militar, ao governo Castelo Branco, ao fim do governo com a Lei de Imprensa, que até hoje está aí, não acabou a Lei de Imprensa não [acaba em 2009]. Newton Rodrigues me ofereceu fazer uma coluna e eu fiz uma coluna de oposição, como era o "Informe JB", só que mais voltado para política e oposição ao regime militar. Aí eu tive oportunidade de escrever várias notas, não só sobre o que eu achava da política, como, depois, quando vieram as passeatas, a morte do Edson Luís [estudante morto pela repressão durante a ditadura militar]. Eu tenho vontade de publicar esses artigos que remontam a um momento difícil, mas que nós conseguimos manter até o AI-5. Quando veio o AI-5, os censores entraram no jornal, prenderam a Dona Niomar, o Osvaldo Peralva, e, a partir de então, já não havia mais sentido continuar. A coluna continuou, mas sem assinatura. Depois teve um pequeno momento que o Reynaldo Jardim foi dirigir o jornal, mas não resistiu, porque o jornal tinha uma tiragem muito grande, gastava muito papel e não tinha anúncios. Logo depois de 1964, as agências de publicidade, quase todas elas controladas do exterior, tiraram os anúncios do jornal e naquela época era importante o anúncio de cigarro, de roupa, hoje tem muito anúncio de eletrodomésticos. O *Correio da Manhã* tinha uma boa seção, também, de classificados e mesmo esses classificados foram se afastando. O jornal perdeu muito, e aí não tinha renda e tinha muita despesa, acabou estrangulado por essa pressão do governo militar.